



Branquinho da Fonseca: uma biobibliografia a ser sempre reavaliada

Dr. José Maria Rodrigues Filho
Universidade de Mogi das Cruzes/SP

RESUMO: Comemora-se neste ano o centenário de nascimento de Branquinho da Fonseca, autor de "O Barão". Para tanto, nada mais oportuno de que se fazer uma reavaliação de sua vida e de sua obra.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Portuguesa; Presencismo; Branquinho da Fonseca; Biografia e Bibliografia.

ABSTRACT: In 2005, we commemorate Branquinho da Fonseca's birth, author of the novel "O Barão" (THE BARON). Therefore nothing more apropos that to reevaluate his biography and his bibliography.

KEYWORDS: Portuguese Literature; Presencism; Branquinho da Fonseca; Biography and Bibliography.

Neste ano, comemora-se o centenário de nascimento de Branquinho da Fonseca. Os méritos de sua obra e de suas ações, como cidadão e divulgador de cultura, são fatos a serem sempre reavaliados pela comunidade de leitores, de críticos e de interpretantes como forma de retomada da criatividade de um representante pertencente ativo do grande momento da Literatura Portuguesa em seu Segundo Modernismo: a Presença.

O percurso biográfico mais completo de Branquinho da Fonseca está delineado no Boletim Cultural da Fundação Calouste Gulbenkian, editado em sua homenagem em janeiro de 1984. Filho do casal D. Clotilde Madeira Branquinho da Fonseca e do escritor Tomaz da Fonseca que, além de polêmico publicista, foi também ardoroso defensor da causa da instrução popular e uma das mais nobres figuras cívicas da história da I República, António José Branquinho da Fonseca nasceu em Mortágua (Viseu – Beira Alta), em 04 de maio de 1905. Frequente, em Lisboa, os primeiros anos do curso liceal. Aos dezesseis anos, vai para Coimbra, a fim de aí terminar os seus estudos secundários, matricula-se depois na Faculdade de Direito da respectiva Universidade, cujo curso completa em 04 de julho de 1930.

Ainda estudante, participa da fundação da revista *Tríplico*, de que, entre 1924 e 1925, saíram nove números, dirigidos por um grupo de que também fazem parte, entre outros, os poetas Afonso Duarte, António de Sousa, Campos de Figueiredo e Vitorino Nemésio, bem como o futuro crítico e ficcionista João Gaspar Simões. A este último e a Branquinho da Fonseca, alias o mais novo de

todos, é que sobretudo se terá devido tanto a origem como a continuidade da iniciativa.

Na seqüência de sua atividade profissional, Branquinho da Fonseca é nomeado, em 12 de março de 1935, conservador do Registro Civil em Marvão, passando a exercer idênticas funções em Nazaré, a partir de 07 de dezembro de 1936. Ao mesmo tempo, é também aprovado nos concursos para conservador do Registro Predial. Em 1941, ocupa o cargo de chefe da Secretaria da Comissão de Obras de Base Naval de Lisboa e, dois anos mais tarde, vê-se promovido, sempre mediante concurso, no lugar de conservador do Museu-Biblioteca Conde de Castro Guimarães, em Cascais, onde já passara a residir. É aí que trata de pôr em prática a primeira experiência realizada em Portugal no domínio das bibliotecas itinerantes, a esse fim adaptando e apetrechando um ônibus do referido Museu, o qual por alguns anos proporcionará, mediante o regime de empréstimo domiciliário, a fruição do livro para grande parte da população do conselho de Cascais. Hoje, o seu espólio encontra-se nesse Museu, doação de seu filho Tomaz Branquinho da Fonseca.

É convidado pelo Dr. José de Azeredo Perdigão para organizar e dirigir, na Fundação Calouste Gulbenkian, o Serviço de Bibliotecas Itinerantes. Branquinho da Fonseca tem então o ensejo de realizar, à escala nacional, o que em Cascais tão só pudera deixar esboçado. Em 1958, surgem nas estradas portuguesas as primeiras unidades móveis de tal Serviço, o qual nos anos subseqüentes conhecerá, em orgânica articulação, a partir de 1960, com a instalação das primeiras Bibliotecas

Fixas: uma extensão e um desenvolvimento sem precedentes no domínio da leitura pública em Portugal. Sempre com o entusiástico apoio do Presidente do Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian. Logo a seguir, graças também a idêntico entusiasmo e idêntico apoio do administrador responsável por esse Departamento, Professor Dourtor A. Ferrer Correia, Branquinho da Fonseca, coadjuvado, entre outros, pelos escritores Domingos Monteiro, António Quadros, Orlando Vitorino, Nuno de Sampaio e Miranda Mendes (mais acidentalmente José Marinho e Tomaz Kim), bem como por uma equipe de devotados funcionários, ele próprio tem o cuidado de formar com vista à execução de diversificadas tarefas culturais, técnicas e administrativas. Faz doravante coincidir, em absoluto, a sua existência com a do Serviço a que de todo se entrega; e com tal *espírito de missão*, que, por inteiro, praticamente cessa - até ao momento em que a morte o alcança em 07 de maio de 1974 - a sua atividade de criador literário, anteriormente assinalada, sobretudo nos domínios do conto e da novela, por algumas indiscutíveis e imperecíveis obras-primas.

A ficha mais completa sobre a bibliografia de Branquinho da Fonseca é fornecida pelo professor Luís Amaro, publicada no Boletim em homenagem ao autor. Esquemáticamente, segue-se:

POESIA

POEMAS – Coimbra, compositor e impressor: Lvmen, 1926.(Edição do Autor).

MAR COALHADO – *Alguns Poemas de 1928-31*. Com um auto-retrato. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1932.(Edição do Autor)

TEATRO

A POSIÇÃO DE GUERRA – Drama em um ato. Com um desenho de José Régio. Coimbra, Edições Presença, fascículo I, 1928. / 2. ed. em TEATRO.

TEATRO – *A Grande Estrela* (parábola em nove episódios); *Curva do Céu* (poema em um acto); *Rãs* (apólogo em um ato); *Quatro Vidas* (apontamentos para uma peça). Coimbra, 1939.(Edição do Autor). Sob o pseudônimo de António Madeira. / 2. ed. acrescida de *A Posição de Guerra* e *Os Dois*. Com um prefácio de Luiz Francisco Rabello. Série *Obras de Branquinho da Fonseca*, Lisboa, Portugália Editora, (1974).

ROMANCE, CONTO E NOVELA

ZONAS – Contos, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1931/32.(Edição do Autor).

CAMINHOS MAGNÉTICOS – Contos. Número 2 da Coleção de Autores Modernos Portugueses, dirigida por João Gaspar Simões. Lisboa, Edições Europa, s/d (1938). Sob o pseudônimo de António Madeira. / 2. ed. refundida e definitiva. Coleção Horas de Leitura, Lisboa, Guimarães Editores. Fez-se tiragem especial de 200 exemplares, numerada e rubricada pelo Autor. / 3. ed. *Obras de Branquinho da Fonseca*, Lisboa, Portugália Editora, 1967.

○ **BARÃO** – 1. ed., número 46 da Coleção *Novelas Inquérito*, Lisboa, Editorial Inquérito Ltda., 1942. Sob o pseudônimo de António Madeira (A relação de todas as reedições encontra-se no subcapítulo 12).

RIO TURVO E OUTROS CONTOS – Número 9 da Coleção *Os Melhores Contos dos Melhores Contistas*. Lisboa, Editorial Inquérito Ltda., 1945. Fez-se uma tiragem especial de 50 exemplares, numerados e rubricados pelo Autor. / 2. ed. (*Rio Turvo*), sem *O Barão* e com três contos inéditos. Número 51 da Coleção *Contemporânea*, Lisboa, Portugália Editora, 1963. / 3. ed. *Obras de Branquinho da Fonseca*, mesma editora, 1969. / 4. ed. Número 2 da Biblioteca Básica Verbo, Lisboa, Editorial Verbo, s/d.

PORTA DE MINERVA – Romance. Primeiro volume de *A Terra Prometida*. Lisboa, Edições Ática, 1947. Fizeram-se duas tiragens especiais, ilustradas por Paulo Ferreira. / 2. ed. corrigida. Número 25 da Coleção *Contemporânea*, Lisboa, Portugália Editora, s/d (1961). / 3. ed. *Obras de Branquinho da Fonseca*, mesma editora, 1968.

MAR SANTO – Romance, Lisboa, Publicações Europa-América, 1952. Fizeram-se duas tiragens especiais. / 2. ed. Lisboa, Sociedade de Expansão Cultural, 1959. / 3. ed, com a designação de novela. Número 65 da Coleção *Contemporânea*, Lisboa, Portugália Editora, 1964. / 4. ed. *Obras de Branquinho da Fonseca*, mesma editora, 1971. (Em apêndice, apontamentos e desenhos documentais do Autor).

BANDEIRA PRETA – Contos. Coleção *Autores Portugueses*, Lisboa, Livraria Bertrand, s/d (1956). Fez-se uma tiragem especial de 25 exemplares. / 2. ed. *Obras de Branquinho da*



- Fonseca, Lisboa, Portugália Editora, 1966. / 3. ed. Mesma série, 1976. / reimpressão, s/d (1977).
- AS MÃOS FRIAS – Conto extraído de *RIO TURVO*. Número 12 da Coleção Ant. Best-Sellers, Lisboa, 1965. Em apêndice, uma entrevista com o Autor, por Manuel do Nascimento.
- LOBO BRANCO – Conto extraído de *CAMINHOS MAGNÉTICOS*. Número 8 da Coleção Novela, dirigida por Manuel do Nascimento, Lisboa, Fomento de Publicações, Ld.º, s/d.

VÁRIA

- AS GRANDES VIAGENS PORTUGUESAS – 1. série. Selecção, prefácio e notas de Branquinho da Fonseca. Coleção Antologias Universais, Lisboa, Portugália Editora, s/d (1946). / 2. ed. mesma editora, 1964.
- AS GRANDES VIAGENS PORTUGUESAS – 2. série. Selecção de Branquinho da Fonseca. Mesma coleção, 1956. Trindade Coelho, In: *Perspectiva da Literatura Portuguesa do Século XX*, dirigida por João Gaspar Simões. Lisboa, Edições Ática, 1947-48.
- POESIAS – Antologia, de João Roiz de Castelo-Branco a Florbela Espanca. Selecção e anotações de Branquinho da Fonseca. Lisboa, Portugália Editora, s/d (1964). / 2. ed. mesma editora, 1966. / 3. ed. mesma editora, s/d (1971?), e acrescida de José Régio.
- CONTOS TRADICIONAIS PORTUGUESES – Primeiro volume. Selecção de Branquinho da Fonseca, Lisboa, Portugália Editora, 1963. / 2. ed. mesma editora, 1964.
- CONTOS TRADICIONAIS PORTUGUESES – Segundo volume. Mesma editora, 1966.
- AINDA DEVEM SER ACRESCENTADAS AS REFERÊNCIAS QUE CONSTAM NO ACERVO DA BIBLIOTECA NACIONAL:
- ESBOÇOS DA MORTE – Imprensa em 1977 por Alberto R. Pidwell Tavares.
- NO RASTO DO CORSÁRIO – (Fernão Mendes Pinto, 2. ed. Lisboa, Portugália, 1964 (adaptação ao português moderno por Branquinho da Fonseca)
- A TRAGÉDIA DE DOM RAMON – Lisboa, Fomento de Publicações (estabelecimento de texto).
- VERMELHO E O NEGRO – (estabelecimento de texto), Lisboa, Editores Reunidos (Barcelona), R.B.A. – D.L., 1994.

Considerando o itinerário literário de Branquinho da Fonseca, Guilherme de Castilho, no Boletim da Gulbenkian, avalia seus trinta anos de atividades literárias que têm como baliza de início de carreira o ano de 1926, data da publicação de *Poemas*, seu primeiro livro e, como marca final, o volume de narrativas *Bandeira Preta*, de 1956. Sua produção literária se diversifica pelos gêneros literários do conto, da novela, da poesia, do teatro e do romance.

Para facilitar uma reflexão séria diante da complexidade dos gêneros e temáticas desenvolvidas, tanto no plano global, como na rede intratextual, a obra de *Branquinho da Fonseca* foi dividida em duas partes: a primeira, proposta por David Mourão-Ferreira, que a classifica em dois períodos: um *experimental* e outro de *plenitude*, conforme segue:

Duas fases principais poderemos distinguir no conjunto dessa obra: a primeira – a que chamarei de fase experimental – compreende como que o ensaio das suas próprias virtualidades nos três grandes gêneros tradicionais (lírico, dramático e narrativo), abrangendo assim livros de poesia como Poemas (1926) e Mar Coalhado (1932), peças de teatro como A Posição de Guerra (1928), Curva do Céu e A Grande Estrela (ambas reunidas mais tarde no volume de Teatro I, em 1939), finalmente os contos da coletânea intitulada Zonas (1932); e a segunda – ou fase da plenitude – onde não teremos dúvidas em incluir tudo quanto publicou depois dos contos e novelas de Caminhos Magnéticos (1932): a novela O Barão (1942), os contos de Rio Turvo (1945), o romance Porta de Minerva (1947) e a longa novela Mar Santo (1952).

Como se pode observar, na fase chamada de *experimental*, estão coagulados os três gêneros preparatórios: o lírico, o dramático e o narrativo, sendo que será através deste último que o autor alcançará a sua plenitude como escritor. A marca divisória, segundo David Mourão-Ferreira, seriam os volumes dos contos de *Caminhos Magnéticos*, de 1938, ano em que Branquinho da Fonseca abandonava de vez os outros dois gêneros, embora as temáticas neles desenvolvidas voltem a aparecer mais adiante em seus trabalhos. Ainda sobre o abandono dos gêneros e reaproveitamento de alguns temas de sua preferência, pode-se pensar que Branquinho da Fonseca, ao iniciar uma nova fase de seus escritos, teria desejado

desligar-se inteiramente de sua pregressa personalidade literária, mas que posteriormente reconsiderou, verificando que a segunda era simplesmente a continuação natural da primeira. É de suma importância para a compreensão da obra branquiniana considerar o que o ensaísta David Mourão-Ferreira declara, na medida em que as temáticas desenvolvidas, principalmente em poesia, sejam mais tarde reutilizadas na criação, estruturação e efabulação de seus contos e, em especial, de *O Barão* (RODRIGUES FILHO, 2000, p.56)

A segunda, outra divisão, sem a pretensão de escalonar a obra dentro de uma sistematização rigorosa, foi empreendida por Guilherme Castilho, que se valeu da periodização em datas, para solucionar cronologicamente a seqüência das obras do autor, ficando assim repartida em três fases ou períodos:

O primeiro estende-se de 1926 a 1932 e nele se incluem, além de *Poemas*, a que já fizemos referência, *A Posição de Guerra*, de 1928, teatro; *Zonas*, contos, de 1931 e *Mar Coalhado*, poemas de 1932. Uma segunda fase seria a da eclosão em pleno, da ficção abreviada – o conto e a novela – com *Caminhos Magnéticos*, *O Barão* e *Rio Turvo*, respectivamente de 1938, 1942 e 1945, ao que se acrescentaria ainda um volume de *Teatro*, datado de 1939. Os dois romances: *Porta de Minerva* e *Mar Santo*, respectivamente de 1947 e 1952, formariam o terceiro destes ciclos. No entanto, destacadamente, decorridos em 1956, surge-nos a derradeira obra do escritor, *Bandeira Preta* que, pelas presumíveis intenções do autor e pela sua realização, talvez se possa enquadrar no conto ou na novela em episódios ou na categoria de romancinho de aventuras a solicitar o interesse de uma camada infanto-juvenil de eventuais leitores. O próprio Guilherme Castilho considera a primeira fase como um anúncio de preparação, de ensaio para a fase seguinte – a fase capital, o ápice da carreira literária de Branquinho da Fonseca, ou seja, a do conto e da novela. É lógico que, ao mencionar o gênero novela, o estudioso estaria se referindo a *O Barão* como a obra mais famosa de seu repertório.

Para *Óscar Lopes*, o primeiro gênero que trouxe *Branquinho* ao público leitor foi a poesia lírica. O livro de sua estréia é o de *Poemas*, 1926, já contemporâneo à evolução modernista, mas ainda em estilo tradicional. O autor reconhece, em *Nota Final* que o edita com certa mágoa, sem

o sentir já como seu. No entanto, se os sonetos eróticos da sua segunda parte, com o ar então muito marcado das imitações demasiadas bíblicas de *O Cântico dos Cânticos*, deixam de ter continuidade na sua obra, pelo contrário, as quadras sobre coisas rurais da sua primeira parte prenunciam uma das melhores facetas de Branquinho da Fonseca: um pitoresco mundo lírico de costumes populares, de que foram tecidos o conto *O Lobo Branco* (incluído em *Caminhos Magnéticos* e com reed. sep. em 1956) e o excelente romance dedicado a Nazaré, *Mar Santo*, no qual, aliás, lêem-se pequenas belas poesias virtualmente folclóricas.

Em *Poemas*, dedicado a Maria Manuel, sua esposa, estão as canções divididas em dois núcleos, respectivamente *Livro de Job*, com os poemas *Soneto de Job*, *Canção da Aldabra*, *Canção da Chuva*, *Canção da Candeia-acesa*, *Louvor do Sal*, *Canção da Noite*, *Canção do Vento*, *Canto Noturno* e *Castanheiros Irmãos*. No segundo bloco, denominado *Livro de Salomão*, estão aglutinados os poemas *Soneto de Salomão*, *Soneto da Rosa*, *Idílio Triste num Jardim*, *Soneto para Sulamite*, *Soneto Vespéral*, *Prece da Natividade*, *Buscarei Aquela a Quem Ama a Minha Alma*, *Soneto da Primavera* e *Écloga*.

Em *Mar Coalhado*, 1932, e na antologia organizada por Casais Monteiro, *A Poesia da "Presença"*, 1959, reúnem-se as suas melhores poesias modernistas, em que o versilibrismo não chega bem a prevalecer sobre uma atração muito clara pela redondilha, cujo centro de gravidade dir-se-ia constituído por séries temáticas de quadras sentenciosas. Além de, na última página, registrar que o seu primeiro livro de poesia *Poemas* estaria *fora do mercado*, ainda anuncia a publicação da novela *O Involuntário*, portanto, antes da publicação de *O Barão*. Parece que, ao que tudo indica, o conto *O Involuntário* foi redigido antes de 1940, ou seja, antes da redação de *O Barão*. Em *Mar Coalhado*, que recebeu este nome com base nos versos do poema *Testamento*: "*Ó Praia do meu reinado / donde as naus todas lancei / às ondas do " Mar Coalhado" / dos mundos que lhe sonhei*, publicado na *Presença* número 14/15, de 23 de julho de 1928. Também esse, nome foi baseado no título do poema *Mar Coalhado*, da *Presença*, número 17, de dezembro de 1928. Neste livrinho de edição manufaturada, estão os poemas *Depois de Três Duas Ressuscitarei*, *Climas*, *Domingo*, *Idílio*, *Naufrágio*,

Poema do Mar Morto, Oceano Pacífico, Cruzada, Mundo de 5 Andares, Idade do Mundo, Incidências, Paragem, Lago e Metafísico.

Segundo Óscar Lopes, a lírica de Branquinho da Fonseca não chegaria para o impor como personalidade de primeiro plano na sua geração literária: “é a lírica de um mundo provinciano visto da janela” (...) “pois quem está à janela é porque tem saudade”, numa ansiedade de só faltar o nada que sempre há-de faltar. O texto do autor, ao se tornar mais rico de imagens e mais intenso, sente-se demasiado próximo ao tom característico de Sá-Carneiro. O tema mais obsessivo é o de qualquer viagem que não começou nem acabou, como na novela *O Barão* e no conto *O Involuntário*, além das temáticas da “janela, donzela e rosas”, temas e motivos que se tingem vagamente das cores nacionais da expansão quinhentista, da emigração ou exílio, para depois cair na contemplação de significância própria e circundante. A grande originalidade está numa contenção afetiva que resiste ao derrame sentimental, ainda então freqüente e que, aliás, distingue a personagem literária deste autor. A forma realmente acabada para uma tal temática será encontrada em *O Barão*, se for encarado este texto como dueto entre o grande senhor decadente, mas genioso, e o Inspetor normalmente amorfo, incapaz de viagens ou aventuras voluntárias, que o Barão embriaga e depois lhe serve de testemunha narrativa.

Alguns de seus poemas estão disseminados em antologias publicadas depois do término da aventura presencista. Na Antologia, na qual acompanha o estudo de João Gaspar Simões, denominada *História do Movimento da Presença*, estão o conto *O Velho*, publicado na *Presença*, número 19, de fevereiro/março de 1929, ainda sob o pseudônimo de António Madeira, e o poema *Testamento*, publicado na *Presença* número 14/15, de 23 de julho de 1928. Na antologia, a cargo de Adolfo Casais Monteiro, intitulada *A Poesia da Presença*, estão os poemas *Depois*, *Epígrafe dum Poema*, *Poema dum Epígrafe*, *Mar Coalhado*, *Lago*, *Climas* e textos em prosa poética, como *António Madeira*, intitulados *Chuva*, *Os Fragmentos*, *As Viagens*, *Triunfo* e *Claustro*.

Em período antes de se consagrar como ficcionista em prosa, Branquinho da Fonseca exibiu-se como dramaturgo. *A Posição de Guerra*, 1928, drama em um ato, como são quase todos os seus dramas, constitui o fascículo I das Edições

“*Presença*”, revista de que é uma separata. Mais tarde, em 1939, sai um volume seu de *Teatro*, com quatro peças, três delas muito breves. São elas: *A Grande Estrela*, *Curva do Céu*, *Rãs* e *Quatro Vidas*. *A Posição de Guerra*, obedece a um rigoroso ritmo dramático; ao crescer da tensão emotiva até ao crime final corresponde, passo a passo, ao desfazer dos enigmas iniciais do diálogo. A ação resulta de uma hesitante situação entre as personagens e, por fim, que caminha para a recusa, por uma das personagens, a aceitar, em ambiente familiar, a hipocrisia de uma hostilidade em posição de guerra não declarada. Não fica longe, portanto, da concepção ibseniana das *mentiras vitais*, também rejeitadas pela personagem dinâmica de *O Pato Bravo* do autor norueguês. Nas outras quatro peças, acentua-se o alegorismo que, nessa primeira, estava apenas representado por passageira presença de um Anjo. A peça mais extensa, *A Grande Estrela*, tem como fundo, no dizer de Óscar Lopes, um complexo de culpa muito sensível, quer em Branquinho da Fonseca, quer noutros presencistas: o de um certo abstencionismo em matéria política. Este complexo é, por vários modos, racionalizado na obra de Branquinho da Fonseca. Assim, imaginam-se as vicissitudes de um revolucionário que, no momento da vitória comum, descobre o seu *jogo secreto*. Este consistiria em *ajudar a dar aos outros o triunfo que os afaste dos homens*. Eis a fórmula ética e literariamente mais adequada com que, logo a seguir, procura impor o individualismo típico da escola: *E ai daquele que se perde de vista a si próprio!* A ação teatral que vem desembocar nessa lição, encontra boas condensações simbólicas em nove breves episódios, que poderiam servir de modelo a qualquer dramaturgia de longo enredo.

O dramaturgo J. A. Osório Mateus empreendeu um estudo básico para a compreensão da dramaturgia branquiniana, publicado no livro *Escrita do Teatro*. Sinteticamente, Mateus explana que a teatralidade aparente das peças de Branquinho da Fonseca não se prende à realidade, mas à ficcionalidade como representação pura de algo imaginado e o palco não passaria de uma grande metáfora ampliada, “jogada na cena da escrita”. Para tanto, o texto branquiniano desfruta de uma autonomia, realizando-se em si mesmo como uma proposta de uma nova concepção teatral: *a história de um outro teatro (se) ia fazendo*. São experiências não exatamente de *textos-para-teatro*, mas textos que

bem poderiam ser caracterizados e classificados de outras formas: *A Posição de Guerra* como *short-story*, *Os Dois*, *Rãs* e *Quatro Vidas*, como poemas ou manifestos filosofantes de ambições cósmicas, *A Grande Estrela*, como novela e *Curva do Céu* como um texto poético-dramático.

Já o dramaturgo Luís Francisco Rebello, que prefaciou o volume *Teatro* para as obras completas do autor, comenta a respeito do abandono deste do mundo da dramaturgia: *Assim, parece que, a partir dos anos 40, Branquinho da Fonseca abandonou – definitivamente? – o teatro (ou foi o teatro que o abandonou a ele?)*. Observa-se em seu estudo o indiscutível valor literário dos textos em detrimento aos valores teatrais, com relação às potencialidades cênicas. No entanto, uma peça somente, Branquinho da Fonseca teve o prazer de ver representada, foi *Curva do Céu*, no Teatro – Estúdio de Salitre, em 1947. Na época, Jorge de Sena classificou o teatro de Branquinho como um misto de poesia e de ação muda.

Ao todo, as “peças teatrais”, se assim podem ser consideradas, de autoria de Branquinho da Fonseca são as seguintes: *A Posição de Guerra*, *A Grande Estrela*, *Os Dois*, *Curva do Céu*, *Rãs* e *Quatro Vidas*. Ainda são registrados em estudos, com comentários vagos às obras *O Passo* e *Paralelas* que não foram publicadas.

Na peça *Curva do Céu*, do volume *Teatro*, há um símbolo/alegoria ligado ao tema romântico da criança moribunda. O próprio autor a classifica de poema, e, nessa qualidade, constitui uma das muitas variantes de um modelo paródico sem igual: *O Rei dos Álamos*, de Goethe. Porém, nas restantes duas peças, *Rãs* e *Quatro Vidas*, a alegoria é essencial. A primeira, que saíra na *Presença*, articula o individualismo presencista em linguagem nietzschiana. Apresenta o espetáculo de uma escala sem fim, nem razões, nem esperança aparente, acima da mediocridade humana. A segunda peça esboça o desiderato de um Homem Necessário, como resultado da síntese de três Sombras: a de quem tudo teve, mas acabou por sentir a ausência de algo; a de quem tudo perdeu, à espera de uma oportunidade também perdida; e a de quem a tudo se entrega irracionalmente. Essa última peça, *Quatro Vidas*, tem um subtítulo significativo: *apontamento para uma peça*. Pode-se generalizar essa explicação a toda a dramaturgia de Branquinho: o seu teatro tem todo o ar de apontamentos, ou de pequenas realizações, de algo de importante que parecia

próximo, mas ainda não surgira, José Régio é que viria a ser o dramaturgo da *Presença*.

São dois os romances publicados por Branquinho da Fonseca: *Porta de Minerva* e *Mar Santo*. O segundo é tão nitidamente importante quanto o primeiro e de maior popularidade que *Porta de Minerva*, que explica o fato de ser mais antigo e de dizer respeito a um assunto que tematiza a sentimentalidade de muitos universitários: a vida acadêmica de Coimbra. Aparentemente, este romance é produto ainda de uma fase juvenil, e não será surpresa se a sua publicação estiver retardada em, pelo menos, um decênio relativamente a sua redação final. Nele figuram os ingredientes conhecidos da ficção de experiência coimbrã: as brutalidades praxistas, a boêmia de república, brigas e deambulação pelos arredores, a história sentimental de amor, os anacronismos didático-pedagógicos, as passeatas e conflitos acadêmicos, e conspirações mais ou menos inseqüentes. A história, ou antes, as histórias de amor bastariam para evidenciar o egocentrismo fixado sobre o protagonista, cuja sombra abstrata cobre toda a ação. São quatro as mulheres dispostas aos disparates do protagonista, em circunstâncias romanescas de um adolescente. O diálogo é por vezes parecido com o de novelas radiofônicas.

Quanto ao romance *Mar Santo*, este, pelo contrário, inteiramente extrovertido, dilata-se sobre um universo mais vasto. Vê-se que Branquinho da Fonseca ainda conheceu bem uma Nazaré pré-turística. A sugestão da sensibilidade regional pelas falas em dialeto é inteiramente pertinente, não prejudica a inteligibilidade e não corresponde a uma coisificação, quer depreciativa, quer inautenticamente exaltatória, de um ambiente humano tenso. A cada passo, encontra-se um provérbio, uma metáfora, um traço de humor, que, se não foram colhidos ao vivo, moldam-se ao estilo de uma comunidade. Além disso, as situações e as cenas cerzidas no romance impõem-se como técnicas discursivas dilatadoras da sensibilidade do amor, o que difere muito do gênero de coisas, também testemunhais, mas que o superego do narrador de *Porta de Minerva* recorta sobre as particulares fixações megalômanas e abstratas. Frases como “*estais aí aos dois, como os tortulhos*”, “*morremos de fome encostadas às paredes*”, “*tens mais bandeiras que caldeira*”, “*quem tem muita língua, de uma areia faz uma praia*” enchem o romance de imaginação

pairante, de analogias concretas e condizem e sugerem uma observação tão sóbria como atenta de formas, cores, atitudes e movimentos, por parte do narrador. Algumas cenas, como certos passeios e uma pesca solitária do protagonista, ficam com uma nitidez quase alucinatória de imagem; e, num episódio em ambiente de luz verde, coada por um pinhal, com moças a se banhar numa lagoa, garotos absorvidos pelos seus jogos e duas espécies diferentes de faunos humanos à espreita, Branquinho da Fonseca obtém um daqueles efeitos em que irá esmerar-se em *Bandeira Preta*: uma perplexidade entre a convicção do real e do sendo de se estar sonhando, cuja vibração mais funda vai até à descoberta das infinitas e ainda intocadas, possibilidades humanas do real, e, numa tentativa de evasão, provocar a alienação em puro sonho. Note-se, sobretudo, na figura de certo doido sensual, que reaparecerá num dos contos, um dos vários pontos de contato entre Branquinho da Fonseca e um seu compatriota da Beira Alta: Aquilino Ribeiro.

O romance *Mar Santo* tem o trato romanesco de um amor de homem, o pescador Zé Orega, que se suspeita correspondido logo de início e que se embriaga com a certeza dessa correspondência na página final, entre riscos e contingências ainda, e desde cedo, à espreita. Interessa muito, mas como experiência de um ambiente. É no capítulo X que esse ambiente mais se adensa, com tramas complexamente movimentadas. Em vez de se confinar em largos planos panorâmicos, o romancista alterna a azáfama de a multidão e de os bois a puxar as redes, com os planos mais próximos e frenéticos, da lota das vendedoras de peixe em sua labuta, sobrepondo-lhe, ainda, em *off*, a voz de um velho lobo-do-mar que recorda, entrecortadamente, quando lhe prestam atenção, no cais apinhado um seu naufrágio, em dia muito diferente, de tempestade e não de calmaria.

Falando-se em narrativa, a carreira de contista de Branquinho, que é a mais conhecida, inicia-se com *Zonas*, a que se seguiram *Caminhos Magnéticos*, sob o pseudônimo de António Madeira, com que o autor colaborou também em revistas, *Zonas* não teve reedição. O seu interesse é histórico-literário: mostra que no ponto de partida da ficção em prosa de Branquinho está o *pathos* da miséria e do *bas-fond* mórbido de *O Barão*, bem como o gosto das estranhezas de

comportamento psíquico, tão vulgar na novelística dos anos 20 a 30.

Os contos de *Caminhos Magnéticos* têm cada qual um certo, mas diferente, toque aquilinoano. Vê-se por afinidade e não por filiação. *O Lobo Branco*, a que já foi referido, é feito de costumes serranos, como um incêndio florestal, uma caçada, entre outras cenas igualmente boas, e superstições que parecem se confirmar. *O Conspirador* tem como cenário Marvão e o contrabando da raia próxima, e combina as fugas aventurosas de um conspirador dos últimos anos de 1920 com um história de amor livre e certa dose de ceticismo político superveniente. Há ainda contos com *pathos* na ilogicidade e três aventuras de amor frustradas por sucessos estranhos ou por coincidência infeliz. Os transe de ação rápida e aventurosa são sempre conseguidos, e alguns com toques magistras da narrativa estranha.

O melhor momento da obra de Branquinho da Fonseca surgiu em 1942, com a 1.^a edição desta obra célebre: *O Barão*. Pela sua fusão de idealidade e grotesco, ou seja, pela irrupção de idealidade dentro das circunstâncias de maior grotesco e ainda pelo tema da incomensurabilidade entre a vida e o sonho, este conto (novela?) pode se ver como o melhor fruto da tradição de certos temas, sempre tão visível em Branquinho da Fonseca e que merecerá abordagens pertinentes da crítica.

Da narrativa estranha, percebe-se a arte da surpresa narrativa, que é uma das especialidades de Branquinho da Fonseca. O volume *Rio Turvo* contém mesmo um conto: *O Involuntário*, com aventuras de certo hóspede de um solar estranho, que lembra *O Barão*, mas diluído em mistério melodramático. A surpresa, o desfecho inesperado de anedota, ou então a sugestão ou o subentendido para a leitura inteligente, dominam esse volume, sobretudo na reedição de 1963, que substituí *O Barão* por três outros contos. Dele foi extraído em 1965, para publicação à parte, *As Mãos Frias*, em que se assiste a um dos seus grotescos e simbólicos velórios. A surpresa ou a sugestão apresentam diversos valores funcionais. Por vezes, sente-se o simples exercício de um truque, como a confusão propositada entre atos ou pensamentos tidos como reais e imagens de um filme que, vem depois a saber-se, a personagem está vendo, truque comum no cinema de hoje. Outras vezes, o insólito ou subentendido é essencial ao conto.

Ao ser avaliado o melhor apuro desta técnica, devem-se observar histórias de ambiente misterioso e todavia realista. Isso é excelentemente obtido no conto *Rio Turvo*, com alguma dose de amplificação expressionista, enredo marcado pelo peso e pelo medo de uma atmosfera que paira sobre uma planície aluvial com charcos, areias, juncais, um rio sujo, ódios e desejos criminais.

Em outra obra, como *Bandeira Preta*, esta arte de *desrealizar* o real aparente para aprofundamento do real autêntico, embora na medida apenas em que ele se reflete na subjectividade psíquica, encontra a sua motivação mais adequada ao temperamento do autor. Trata-se de uma série de episódios da infância ou da adolescência rural em que, como nos contos misteriosos de Poe, todos os mistérios narrativos acabam por se explicar, mas não antes de envolver a acção verossímil numa aura de mito que alarga a percepção das dimensões do real e, sem qualquer sentimentalismo ou moralismo fácil, reconcilia-se com ele.

Depois desse percurso panorâmico acerca da obra de Branquinho da Fonseca, resta considerar que o progresso do conjunto de abordagens a respeito de textos literários abaliza e testemunha o sucesso da produção de um escritor. As obras do autor em questão prosseguem a viagem em busca de novos contornos metalingüísticos no rico terreno das relações entre o texto e o receptor analítico.

Aceito para publicação em 25/02/2005.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASTILHO, Guilherme. *Considerações sobre o itinerário do escritor*. In: Boletim cultural da Fundação Calouste Gulbenkian, opus cit, s/d. p. 24.
- MOURÃO-FERREIRA, David. Para uma Leitura de O Barão. In: FONSECA, Branquinho da. *O Barão*. Lisboa: Portugalia, 1969.
- RODRIGUES FILHO, José Maria. *O Barão de Branquinho da Fonseca: de sua fortuna crítica a um estudo temático-comparativo*. 2000. Tese (Doutorado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa)—Universidade de São Paulo, 2000.
- LOPES, Óscar. *Geração da Presença – Branquinho da Fonseca*. In: MANCINI, Augusto. *Histórias Ilustradas das Grandes Literaturas*. Lisboa: Ed. Estúdio-Cor. s/d..
- FONSECA, Branquinho da. *Poemas*. Coimbra: Lumen, 1926.
- FONSECA, Branquinho da. *Mar coalhado*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1932.
- MONTEIRO, Adolfo Casais. *A poesia da presença*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/Departamento de Imprensa Nacional, 1959.
- SIMÕES, João Gaspar. *História do movimento da Presença*. Coimbra, S/L, 1957. p. 133-147.
- MONTEIRO, Adolfo Casais. *A poesia da presença – estudo e antologia*. Nova edição, Lisboa: Moraes Editores, 1972.
- MATEUS, J. A. Osório. *Todo e Qualquer Teatro*. Amadora: Bertrand, 1977.
- REBELLO, Luís Francisco. Branquinho da Fonseca. *Prefácio*. Lisboa: Portugalia, 1974. p. 08.
- SENA, Jorge de. *Teatro – estúdio de salitre*. Lisboa: Seara Nova, 1947.

